Morram

Capítulo I – A descoberta

- Maldita, será que existe uma maneira de me livrar daquela vadia? – lamentava Alcindo para sua cachorrinha Titi – Aquela vaca gorda está me roubando Titi, e quando a pressionei com as provas ela me chantageou com aquela velha história em que o drogado do meu filho se envolveu, e eu como sou um frouxo aceitei o auxílio da doida e do marido dela. Tem alguma idéia para que eu saia dessa situação Titi? Veja que merda, ou continuo sendo roubado e chantageado, ou meu único filho vai para a cadeia; imagine a cara dele estampada em todos os jornais e meu nome na lama, adeus vida social, adeus tardes de sábado e domingos no clube tomando meu wisquezinho com minha bela mulher a tiracolo, e os invejosos de plantão se babando de raiva do meu sucesso. O que fazer Titi?

A cachorrinha o olhava carinhosamente e abanava o toco de rabo parecendo querer consolá-lo. Enquanto ele continuava se lamentando:

- Só vejo uma solução para isso, matar a ordinária, mas e o marido? Vou ter que matá-lo também? E o neguinho com quem ela andou transando e contou tudo? Bem, este

gosta de dinheiro, mas aí pode morar o perigo, poderá me chantagear depois; pensando bem, esta não é uma boa idéia. – Alcindo parecia senil e continuou:

- Você acredita Titi que eu a chamo de “meu bem?” Trato-a com carinho, mas na verdade gostaria de estrangulá-la. Pois é, veja até onde foi minha covardia. Meu Deus! E tudo culpa daquele meu filho imbecil, se não fosse pelas drogas, nada disso estaria acontecendo, se ele morresse tudo se resolveria, uma overdose, um acidente de carro, uma bala perdida, sabe lá.

A cadelinha ganiu, baixou os olhos e se encolheu, parecia entender cada palavra.

- Deus, o que estou dizendo? Tem razão de se envergonhar por mim Titi, ele é meu filho, meu único filho, na verdade é um doente e precisa de tratamento – Pensou um pouco e continuou:

- Mas ele não quer se tratar gosta do jeito que vive. Titi, até a faxineira que contratei para limpar o apartamento dele, me telefonou hoje para dizer que não vai mais lá, disse que tem drogas espalhadas por todo o lado, mulheres completamente dopadas andando de um lado para o outro e sangue no banheiro, o mau cheiro é insuportável, e ela tem medo, agora nem o lixo será tirado daquele antro. Diga-me minha amiguinha, o que fazer? Eu gosto da minha vida, sou um homem bem sucedido que ocupa uma boa

posição na sociedade, além dos meus negócios particulares, sou o diretor de um dos clubes mais importantes desta cidade, vivo cercado de aduladores e muitos me invejam, ninguém conhece esse lado podre que me cerca. Na verdade, acho que preciso de um aliado, mas quem, quem Titi? Quem me garante, que o aliado de hoje, não será o chantagista de amanhã? Horrível constatação, Titi, minha única amiga é você.

O toque insistente do celular interrompeu seu monólogo.

- Alô sou eu, tudo bem, não, já estou indo para o escritório, meia hora no máximo, pede para ele esperar. – Desliga, e dirige-se novamente a Titi que o observa –.

- Era a ladra. Você reparou como fui bem comportado? Fui cordial, um pouco seco talvez, mas cordial. Titi isso me enoja, preciso de uma solução, não agüento mais, e juro que vou resolver essa merda toda. Vem dar um beijinho no papai, que papai vai trabalhar. – A cachorrinha ganiu – Não chore Titi, volto logo, até mais tarde – saiu.

A tarde lá fora era quente e seca; Alcindo dirigia pensativo, no rádio a voz do locutor entrou em edição extraordinária.

- O feriadão já trouxe problemas, um grave acidente na Via Dutra, envolvendo um carro de passeio e um caminhão, matou cinco pessoas de uma mesma família, entre elas uma criança de apenas sete anos de idade.

Caros ouvintes antes de sair para o litoral observem os freios e...
Alcindo já não ouvia mais o que ele dizia, estava em transe e repetia para si mesmo:
- Acidente, acidente na estrada, perigo, coisa corriqueira nos feriadões, carro de passeio X caminhão. Eu tenho um caminhão...
Chegou na empresa, entrou com o carro no pátio, pegou sua pasta e desceu. Enquanto andava em direção a porta, sua cabeça fervilhava. “Acidente, acidente na estrada”. Na sala de espera o fornecedor o esperava, quase não o viu.
- Hei Alcindo, tá no mundo da lua amigo? Já sei, está em clima de feriadão. – Brincou o fornecedor.
- Ah! Sim, desculpe não o vi, tudo bem, vamos entrar.
Quando passaram pela sala anexa, lá estava a chantagista. “Sempre com esse ar de boazinha” pensou Alcindo.
- Boa tarde “seo” Alcindo. Tudo bem “seo” Joaquim? Tá sumido! – cumprimentou ela, sorridente.
- Muito trabalho Rosana, mas quem é vivo sempre aparece, não é mesmo? – Sorriu para ela, e entrou na sala de Alcindo que havia ido na frente.
- Alcindo, você é mesmo um homem de sorte, boa moça essa Rosana, sempre bem humorada, eficiente, trabalha com você há bastante tempo, não é mesmo?

- Treze anos – respondeu.
- Puxa, realmente é muito tempo, perdê-la certamente, seria desastroso meu amigo, bons funcionários são difíceis de achar.
- Tem razão – concordou Alcindo – mas vamos aos negócios. Aceita um café?

Joaquim passou a falar dos negócios que o trouxera ali, oferecia sua mercadoria, mas Alcindo, para sua surpresa, estava ausente, resolveu chamá-lo à realidade.

- E então amigo, não vai pechinchar como sempre? Posso enviar a mercadoria?
- Quanto é mesmo? – perguntou confuso.
- Hiiii, tá mal, preocupado com alguma coisa?

Alcindo negou com um aceno de cabeça.

- São R$. 5.000,00. Faturo 20/30/60 dias.
- E a vista? Alcindo parecia ter voltado a Terra.
- Com ou sem papel?
- Com papel.
- R$. 4.930,00.
- Fatura então. Entrega quando?
- Segunda-feira.
- Ok.

O fornecedor conversou mais um pouquinho sobre o feriado prolongado, depois se despediu e saiu.

Alcindo ficou em sua mesa completamente envolvido com seus pensamentos, cabisbaixo, dava a impressão de estar envolvido com o trabalho. Rosana chegou a porta.

- “Seo” Alcindo, eu e meu marido resolvemos ir para o interior no feriadão, se não for atrapalhar, será que poderia sair uma hora mais cedo hoje?
“Cretina, porque será que ela acha sua presença tão importante nessa empresa? Se não fosse pela chantagem já não trabalharia mais aqui há muito tempo”.
- “seo” Alcindo – insistiu – algum problema quanto eu sair uma hora mais cedo?
- Não, tudo bem Rosana, vão para onde?
- Para casa dos meus sogros em Bauru.
- Ótimo, então divirtam-se. Vão hoje mesmo?
- Pretendemos sair de casa por volta de uma 18:00 horas, sabe como é, a viagem é longa, e as estradas devem estar lotadas. – justificou ela.
- Tem razão, então boa viagem.
O telefone começou a tocar, seu filho atendeu, depois avisou de onde estava:
- Pai, é para você.
- Quem é.
- Sua mulher, a Paty.
- Passa. – concordou Alcindo.
- Oi Paty, seu principezinho também te ama. Hoje? Viajar hoje? Vamos amanhã, tenho uns negócios para resolver. Não amor, não fica assim, então vão vocês, seu filho e a Jéssica eu irei amanhã. Não, não vou ficar chateado. Te amo. Beijos.
Desligou, levantou-se para ir à cozinha, de passagem pela ante-sala viu seu filho sentado

na mesa de trabalho, com aquele constante ar de aparvalhado e assustado ao mesmo tempo, seus sentimentos para com o filho eram um misto de raiva e pena, algumas vezes mais raiva. “Idiota, tinha tudo para ser feliz, mas prefere drogar-se e viver nas orgias, é deprimente” pensou.

O rosto inchado, lábios secos, olhar vidrado, era a decadência em pessoa, mas, era seu único filho, e isso, ele não poderia esquecer.

Entrou na cozinha, preparou um lanche, pegou uma coca-cola na geladeira e sentou-se para comer. A chantagista o seguira, e entrou, perguntando:

- Vai viajar “seo” Alcindo?

Ele a olhou distraído e ela emendou – É que ouvi sua conversa com a Da. Paty.

- Vamos, a Paty adora uma praia. – respondeu desinteressado.

- Tem razão “seo” Alcindo, ela gosta mesmo, que bom, assim o senhor se diverte um pouco – Ele concordou com a cabeça.

- Vão hoje? – insistiu ela.

- A Paty vai hoje eu amanhã, tenho uns negócios para resolver.

- O senhor trabalha demais, precisa descansar um pouco.

- Claro – respondeu ele, já enojado daquela conversa fiada.

Terminou o lanche, foi até sua sala, pegou a chave do carro e a pasta e saiu sem dizer nada.

- Que barulho de carro é esse no pátio? – perguntou Rosana
- Meu pai que saiu.
- Onde ele foi?
- Sei lá – respondeu Plínio.
- Nossa, saiu assim sem dizer nada – fingiu Rosana.
- Ele é o dono, você já o conhece, deixe que saia.
- Vai viajar Plínio?
- Não, acho que não.
- Porque não. Credo que cara mais tristonha...
- Ah! Meu pai anda pegando no meu pé, sabe como é, fica falando das baladas que eu freqüento, disse que estou inchado, me mandou dar um tempo, essas coisas – desabafou Plínio.
- Que tempo que nada, você é jovem, tem mais é que curtir a vida. Tá sem grana?
- É, tem isso também, se eu pedir um vale pro velho ele me mata.
- Dinheiro Plínio? Isso não é problema. Quanto? – perguntou solidária.
- Uns R$. 500,00 ajudava.
- Tem um carro entrando aí – disse ela levantando-se e dirigindo-se a porta, voltou logo em seguida, piscou para o rapaz e falou baixinho.
- Tá com sorte, seu dinheiro acaba de chegar, é um cliente.
- Boa tarde “seo” José, trocou de carro, carro bonito. – dirigiu-se ao cliente sorrindo.

- Boa tarde Rosana. Gostou do carro?
- Adorei, e a Lu como vai?
- Está bem, te mandou lembranças.
- Obrigada. E aí, o que vai querer hoje?
- Preciso de três peças número. 22. Quanto?
Ela pegou a calculadora, fez algumas contas depois informou:
- Para o senhor R$. 590,00
- R$ 590,00? Mas comprei essa mesma mercadoria no mês passado e paguei R$. 500,00.....
- Culpa do dólar “seo” José, duas altas só nesta semana – justificou ela.
- R$ 590,00 é muito caro, você está me obrigando a ir comprar na sua concorrência – ameaçou o cliente.
- Precisa de Nota Fiscal? – perguntou com um risinho malicioso.
- Não, só um recibo.
- Pagamento à vista?
- Você heim? Tá, sem Nota pagamento a vista, e vamos ver se melhora esse valor.
- Nestas condições, dá para vender no mesmo preço do mês passado, R$. 500,00.
- Fechado, pode carregar. – alegrou-se o cliente.
- Plínio, por favor, carregue três peças 22 na caminhonete do “seo” José, enquanto faço o recibo.
O cliente sentou-se à mesa, preencheu o cheque, agradeceu e saiu. Plínio voltou para

dentro e ela jogou o cheque na sua frente, dizendo:
- Pronto, seu feriadão está garantido, vai se divertir.
- Legal Rosana, você é amiga.
- Amiga, mas nunca se esqueça dos favores que te fiz e faço, exijo respeito e gratidão, entendeu?
- Fica fria, não vou esquecer – prometeu ele temeroso, porque sabia que nas entrelinhas daquela frase havia uma ameaça.
O telefone tocou, ela atendeu.
- Alô. Oi Paty, não, não está, saiu. Não sei onde ele foi, vai ver que foi ao banco. E então vai viajar? Bacana, claro querida, eu dou o recado. Bom feriado. – desligou.
- O que ela queria? – perguntou a rapaz
- O que poderia querer? Falar com seu pai, essa vadia, só liga para isso. – desdenhou.
- É uma aproveitadora, vive gastando a grana do velho – comentou Plínio.
- Esta mulher é muito baixa, ordinária, não sei como seu pai pode gostar dela.
- Nem eu, ela só quer o dinheiro dele, é uma oportunista – rosnou ele.
- Ouvi um motor, veja quem chegou – pediu ela.
- Meu pai que voltou. – respondeu ele e debruçou-se sobre um caderno como se estivesse concentrado no trabalho.
- Oi Seu Alcindo, a Da. Paty ligou.

- Já falei com ela no celular, obrigado – respondeu.
- Ela está tão contente com a viagem, parecia uma menininha no telefone – comentou ela sempre sorridente.
Ele não respondeu, entrou em sua sala, sentou-se na cadeira e voltou á posição pensativa de antes. Minutos depois perguntou:
- Algum cliente?
- Não, tudo calmo hoje. Acho que é por causa do feriado prolongado, passei alguns orçamentos por e-mail, mas foi só isso – respondeu ela cinicamente.
Alcindo, sentado em sua mesa, ainda se perguntava, como se metera com uma pessoa tão vil, “o ser humano realmente é uma caixinha de surpresas”, durante muito tempo acreditou que encontrara a funcionária ideal, conhecia bem seu trabalho, era querida e admirada pelos clientes e fornecedores, sempre prestativa e atenciosa, e repentinamente, descobriu que tudo não passava de uma farsa. Se seu filho não tivesse feito aquela burrada talvez nunca descobrisse, começou a relembrar o dia fatídico.
Era uma segunda-feira, quando chegou ao trabalho, estranhou, pois seu filho já havia chegado, percebeu que estava desesperado e lhe contou atropeladamente que alguém morrera de overdose em sua casa. O corpo ainda estava lá, morto desde sábado, Plínio

era o retrato do desespero, não sabia o que fazer, sabia que se chamasse a polícia seria fatalmente preso, porque a falecida era menor e ele maior de idade. Tinha que tirar o corpo de lá, mas levar para onde? Depois informou ao pai que contara tudo para Rosana, o marido dela ainda trabalhava na empresa naquela época, e eles se ofereceram para resolver o problema, retiraram o corpo naquela noite, e desovaram num local ermo num município próximo, antes de irem embora, dispararam um tiro na nuca do cadáver para confundir a polícia.

Dias depois leram nos jornais que haviam encontrado uma menor assassinada e que os legistas concluíram consumo de drogas e um tiro na nuca, o que certamente indicava “queima de arquivo” e caso encerrado.

Logo depois, os lucros da empresa diminuíam assustadoramente, embora vendessem mais. Alcindo, então, contratou um velho amigo para trabalhar e descobrir o que estava acontecendo, quando “o amigo” soube das falcatruas de Rosana, ela o seduziu, primeiro com dinheiro e depois com a luxúria, Alcindo nunca conseguiu entender aquilo, pois a chantagista tinha um corpo de baleia, era gorda, com quadris descomunais, uma barriga que parecia estar constantemente grávida e pernas e braços finos, além ser muito feia de rosto.

O marido da ladra que atuava como motorista foi dispensado, mas ela continuou a roubar. O amigo conseguiu as provas materiais contra ela e entregou tudo nas mãos de Alcindo, o flagrante foi dado, mas Alcindo não a dispensou, isso provocou a curiosidade do amigo que levou a gorda para o motel, foi para o sacrifício e ela contou-lhe tudo. O amigo passou a compartilhar dos lucros do roubo, comprou um carrão do ano, depois fez um acordo trabalhista com Alcindo e foi embora, tornando-se assim, mais uma testemunha contra Plínio.

Voltou á realidade, observou a ante-sala discretamente, seu filho e a chantagista pareciam concentrados no trabalho, ela preenchia um orçamento e ele cochichava no telefone, aquilo irritou Alcindo que gritou de sua sala:

- Hei vagabundo, tá falando com quem?

O rapaz assustou-se e desligou rapidamente, respondendo:

- Ninguém pai, era engano.

- Engano? Sei. Era um desses seus amigos calhordas, ou alguma vagabunda que é só o que você conhece. Vai, trata de arranjar o que fazer, anda vá fazer jus ao seu salário.

O rapaz nada respondeu, levantou-se e foi para o pátio fingir que conferia o estoque.

- Rosana, seu Antonio ligou? – perguntou Alcindo.

- Ainda não, “seo” Alcindo, deve estar em São Caetano ainda, ele ia em duas empresas retirar mercadoria.
- Liga para ele, por favor.
- “seo” Antonio, um momento que o Seu Alcindo vai falar.
- Alô, “seo” Antonio, onde você está? Em São Caetano ainda? Ah! Já está saindo? Em quanto tempo chegará aqui?Mais ou menos 2 horas se o trânsito ajudar, ok, vou te esperar – Alcindo desligou.

Continuou imerso em seus pensamentos. O Sr. Antonio era o motorista que substituíra o marido da ladra. Será que podia confiar nele? Era um homem simples de baixa instrução e de poucas palavras, sempre disposto a cumprir as ordens, conhecia bem a cidade de São Paulo e seu interior, era ainda um excelente motorista, nunca se envolvera em nenhum acidente, tinha uma boa relação com os colegas de trabalho, parecia homem de poucas ambições, vivia mal vestido e desleixado, sua moto era muito velha e pequena demais para seu tamanho, tanto que Alcindo lhe emprestou dinheiro para comprar uma moto melhor e maior, mas ao invés de ficar agradecido o motorista se afastara dele, o que teria acontecido? Será que ele também tinha sido corrompido pela gorda? Não, isso seria azar demais. Certamente, estava com problemas familiares ou ficara envergonhado

por dever ao patrão; certamente essa era a razão daquele distanciamento.
Correu os olhos pela mesa e tomou um susto, uma das faturas vencia naquela data, ia fazer o pagamento pela internet mas, achou que um passeio lhe faria bem, consultou o relógio 15:50 horas, se corresse o banco ainda estaria aberto, mas se fechasse faria o pagamento no caixa eletrônico. Pegou a fatura e a pasta e saiu novamente sem dizer nada, seu filho estava no pátio e quando o viu fingiu estar arrumando o estoque, o pai o repreendeu:
- Idiota, pensa que engana quem? Vê se arranja o que fazer, vai trabalhar vagal, você não é mais criança, tem 33 anos cara, tá na hora de crescer, vê se cresce.
Entrou no carro e saiu.
O carro do pai ainda não ultrapassara o portão, o rapaz correu para dentro perguntando:
- Rosana, o Sr. Antonio ligou?
- Seu pai ligou para ele.
- E onde ele estava?
- Saindo de São Caetano
- Tá voltando então?
- Tá, tá voltando, pelo que entendi, ele chega aqui até as 18:00 horas.
- Será que meu pai vai pedir para eu esperá-lo?
- Não, ele falou que ia esperar o “seo” Antonio, ele está trazendo uma grande

quantidade de mercadoria, vão precisar descarregar o caminhão.
Enquanto ela respondia Plínio já teclava no telefone o celular do motorista.
- Sr. Antonio, sou eu Plínio. O senhor já está vindo embora? Chega por volta de 18:00 horas? Pô não vai dar. Dá para ligar pro cara lá? É cara, tô na maior fissura. Não, não tenho mais, tô nervoso. Não o senhor liga e eu pego o bagulho depois a gente acerta. Tá, fico esperando. Liga no meu celular. - desligou
A gorda observava tudo com olhos de abutre, depois perguntou:
- Que papo é esse?
- Nada, só um favorzinho do “seo” Antonio.
- Favorzinho, porra nenhuma. Não me interessa o que ele te arranja. Que papo é esse de “depois a gente acerta” ?
- Nada Rosana, é que depois eu arranjo umas peças do outro estoque; e ele negocia, só isso, pouca coisa.... – fez um gesto de insignificância.
- Ah! Entendi, os dois traíras estão me sacaneando. Tudo bem... – calou-se e deixou a ameaça no ar.
Alcindo no trânsito se perguntava porque ofendia e gritava tanto com o filho, tristeza, remorso e surpresa o assaltavam. O filho na verdade era um pobre diabo, dependente químico, devasso, irresponsável, inconseqüente e ofendê-lo, gritar com ele talvez só piorassem as coisas, mas o que

fazer? Ficar quieto, ser conivente, fingir que não sabia de nada também não resolveria. Aquela raiva só o dominava dentro da empresa, talvez porque não pudesse atirá-la toda em cima da chantagista. Afinal a culpa de tudo era do filho, se não tivesse feito aquela estupidez ele jamais estaria completamente indefeso nas mãos da tirana.

Chegou ao banco, fez o pagamento, entrou no carro, resolveu dar um pequeno passeio antes de voltar para a empresa, precisava pensar com calma. E se a gorda morresse acidentalmente? Seus problemas estariam resolvidos, “é isso um acidente. Mas, e o marido?”. O final de semana prolongado poderia ser a solução, estrada, feriadão = acidente, tudo parecia se encaixar, mas um plano teria que ser traçado, não poderia haver erro nem tampouco sobreviventes. De repente uma pergunta o assaltou “quem mata, o homem ou Deus?”. E se Deus resolvesse que aquela não era a hora da morte deles, ou de um deles? E se Deus o castigasse só por ter tido essa idéia macabra? “Mas, que Deus que nada, o que estou imaginando? Se Deus existisse permitiria que essa insana fizesse isso comigo?”

Mas, e se tudo fosse castigo pelo erro do filho, afinal se tornara cúmplice daquela barbárie. Se o castigo era esse, então Deus não permitiria que a gorda morresse, a deixaria